



**RAÍZES DO MICONDÓ, DE CONCEIÇÃO LIMA: CONSTRUÇÕES  
IDENTITÁRIAS PARA ALÉM DA ESTABILIZAÇÃO**

*ROOTS OF THE MICONDÓ, BY CONCEIÇÃO LIMA: IDENTITY  
CONSTRUCTIONS BEYOND STABILIZATION*

*RAÍZES DEL MICONDÓ, DE CONCEIÇÃO LIMA: CONSTRUCCIONES  
IDENTITARIAS MÁS ALLÁ DE LA ESTABILIZACIÓN*

Hector Rodrigues Feltrin<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Partindo da análise do poema “Canto obscuro às raízes”, inserido no segundo livro de poemas publicado pela são-tomense Conceição Lima, conduzimos uma reflexão sobre como o lirismo aí presente se relaciona de modo singular com uma busca por matrizes identitárias. Lançando mão da problematização de Gayatri Spivak, no que tange à representação do sujeito subalterno, procuramos demonstrar como a poeta evita incorrer em um discurso de estabilização, conseguindo evidenciar a identidade do grupo subalterno, ou seja, sua própria diferença, sem investir em uma proposta estabilizadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade, diferença, subalternidade, representação.

**ABSTRACT:**

*Starting from the analysis of the poem “Obscure verse to the roots”, inserted in the second book of poems published by the citizen of São Tomé Conceição Lima, we conducted a reflection on how the lyricism present there relates in a singular way to a search for identity roots. Taking into account the problematic of Gayatri Spivak, with regard to the representation*

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP  
[hectorfeltrin@gmail.com](mailto:hectorfeltrin@gmail.com)



of the subaltern subject, we try to demonstrate how the poet avoids incurring a discourse of stabilization, being able to show the identity of the subaltern group, that is, its own difference, without investing in a stabilizing proposal.

**KEYWORDS:** identity, difference, subalternity, representation.

**RESUMEN:**

A partir del análisis del poema “Canto oscuro a las raíces”, publicado en el segundo libro de poemas de la santotomense Concepción Lima, conducimos una reflexión sobre cómo el lirismo allí presente se relaciona de modo singular con una búsqueda por matrices identitarias. Apoyándonos en la problematización de Gayatri Spivak sobre la representación del sujeto subalterno, intentamos demostrar cómo la poeta evita incurrir en un discurso de estabilización, logrando evidenciar la identidad del grupo subalterno, es decir, su propia diferencia, sin caer en una propuesta estabilizadora.

**PALABRAS-CLAVE:** identidad, diferencia, subalteridad, representación.

**O pensamento ocidental e suas implicações culturais e sociopolíticas**

É inegável que o mundo ocidental quase sempre exerceu influências no pensamento de inúmeras sociedades, assim como sabemos que tal predominância se constituiu por meio dos mais variados tipos de violência: simbólica, epistemológica, física, moral, cultural, política, econômica, etc. Por isso, em grande parte, nossas referências artísticas e intelectuais são advindas do pensamento ocidental, sendo este, na maioria das vezes, advindo de homens brancos; circunstância mais uma vez reveladora do distanciamento e desinteresse com relação ao mundo não ocidental, sobretudo no que diz respeito aos papéis das mulheres na sociedade. As Literaturas Africanas, ainda pouco evidenciadas, comprovam a influência da cultura hegemônica eurocêntrica, pois diante das rasas inclusões bibliográficas das manifestações artísticas ditas do “terceiro mundo” no currículo acadêmico, na educação básica e sua discreta presença no campo literário, é claramente visível que tal literatura é minimamente exposta, estudada, discutida e valorizada, sobretudo quando falamos da escrita feminina e, principalmente, quando esta é produzida por uma negra. Toda esta violência, silenciamento, apagamento e marginalização ao longo da história fazem emergir um espaço de tensão: a poética de Conceição Lima torna-se um impulso para múltiplas experimentações estéticas de contracultura e resistência, dando relevância político-social às manifestações artísticas contra-hegemônicas.

Com base no poema “Canto obscuro às raízes”<sup>2</sup>, inserido no segundo livro de Conceição Lima, refletiremos sobre de que modo o lirismo da autora se articula com questões identitárias. Durante a análise do poema, será possível verificar que Conceição utiliza o próprio apagamento e lacunas causados pelos colonizadores/escravistas para levantar conjecturas em relação à identidade de seu avô e, conseqüentemente, tentar evidenciar também traços singulares junto às respectivas diferenças da própria identidade do eu lírico do poema, enunciando também traços autobiográficos da poeta.

A conhecida professora indiana Gayatri Spivak<sup>3</sup>, em seu artigo *Pode o subalterno falar?* (2010), reflete sobre o protagonismo dos intelectuais do mundo ocidental, os quais constituem um grupo hegemônico, cujos discursos representam o sujeito subalterno de maneira estereotipada, silenciando, desta forma, o indivíduo do “terceiro mundo” ou simplesmente constatando suas experiências sem que o Outro possa falar por si mesmo. A crítica de Spivak se baseia naqueles que apenas diagnosticam a episteme do Outro, “criando uma teoria acrílica” (Spivak, 2014, p.30). O discurso que a professora defende é o de que os significantes devam ter condições de falarem e agirem por si mesmos; seu argumento vai contra a descentralização implícita do sujeito, visando a um desprendimento do subalterno em relação ao efeito do discurso dominante. Para Spivak, o desinteresse dos intelectuais ocidentais quanto às ideologias necessárias à compreensão das relações de poder, desejo e interesse da subjetividade múltipla do Outro confirma que “a prática concreta ‘aplicada’ é um tanto apressada e descuidada” (SPIVAK, 2014, p.31). Spivak também é uma intelectual que nada na contracorrente, pois é nascida num país cujo contexto cultural e político-social nunca proporcionou muitas saídas para a maioria das mulheres, obliterando a representatividade de grande parte delas na sociedade, sempre sem fornecer muitas aberturas para sua articulação e emancipação.

Dada a complexidade para representar o sujeito subalterno, não se deve deixar o assunto intacto ou fugir dele, mas pelo contrário, também é imperativo apontarmos a pertinência dos artistas e intelectuais que conseguem romper a linha do “pensamento abissal”<sup>4</sup>, cuja estrutura sustenta um sistema excludente por parte do mundo ocidental. Perante este fato, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos reflete:

O pensamento ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de divisões visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o ‘deste

<sup>2</sup> O poema é reproduzido na íntegra no **Anexo** ao final, para que as reflexões apresentadas ao longo de nosso artigo possam ser melhor acompanhadas.

<sup>3</sup> Docente na Columbia University.

<sup>4</sup> Conceito de SANTOS, B. C., 2007, p.71.

lado da linha' e o 'do outro lado da linha'. A divisão é tal, que o 'outro lado da linha' desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical, porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o 'outro'. (SANTOS, 2007, p.71)

Por serem mulheres e representantes críticas da pobreza existentes em diversas camadas sociais de seus países, tanto a intelectual Gayatri Spivak quanto a poeta Conceição Lima, a princípio, estavam somente do outro lado da linha, isto é, do lado excluído e tido como inexistente segundo a concepção de Boaventura de Sousa Santos. Contudo, se hoje a poeta santomense tem certo reconhecimento no campo literário, ela então deixou de ser subalterna? De um lado, sim; embora o mais importante seja o fato de que Conceição não faz parte do eixo intelectual e artístico do cânone ocidental, até porque, considerado o contexto político e social do local de origem da autora, as chances de conseguir ser ouvida eram realmente ínfimas, fato que impede a articulação do sujeito subalterno, impactando seu deslocamento no espaço social, dadas as precárias condições de vida desses sujeitos e à falta de políticas públicas que possam ajudar a equalizar tais comunidades.

Diante de todo o horizonte sócio-histórico, político e econômico de São Tomé e Príncipe, Lima não logrou de subsídios em sua terra natal para ter condições de ingressar na academia, foi necessário se graduar em Portugal, no curso de Jornalismo. Em seguida, retornou a seu país e atuou como jornalista em alguns veículos de comunicação. Sua relação com a literatura se estreitou quando Conceição se licenciou em estudos afro-portugueses, na Inglaterra, tendo trabalhado na BBC de Londres.

O impacto da colonização portuguesa, que teve seu fim somente em 1975, é protagonista da realidade social do país de Lima. Mesmo não sendo possível escapar totalmente das interferências ocidentais, a poeta toma como armas para si as próprias injunções do mundo eurocêntrico para fazer sua literatura, como, por exemplo, sua própria poesia, na qual está escrita em Língua Portuguesa, língua imposta como oficial nos países africanos colonizados por Portugal, assim como também ocorreu no Brasil.

Conceição Lima assimila o risco de falar pelos outros em sua poesia. Entretanto, se ela também veio desta mesma esfera, ou seja, daqueles que foram silenciados, então a autora hoje, quando lida, acaba por ser ouvida. Sua poesia não é uma abertura somente para si, mas também para o Outro. Sabemos que qualquer arte – a Literatura aqui em específico – quando evidenciada, escapa a todo o tipo de controle e chega a ser parte de experiências coletivas, tornando-se uma ferramenta de engajamento político-social, dando voz àqueles que outrora não eram ouvidos, tidos como excluídos da realidade social. Devemos compreender a abertura para

o Outro em Conceição Lima não como a representação estabilizadora do Outro, e sim como o efeito de sentido que a sua obra gera nesse Outro que a lê. Isso leva sua poética a gerar afetações que passam a equivaler a uma força que impulsiona o Outro a ter condições de falar e agir por si mesmo.

A fim de demonstrar sua identidade na diferença, Conceição Lima rompe, portanto, com o paradigma daquele que pretende investigar suas raízes, mas que acaba somente por estereotipá-las. A autora, por sua vez, vai mais longe e evidencia o distanciamento do indivíduo em relação ao seu passado. Vejamos como isso acontece, por intermédio de uma cuidadosa análise do poema.

### Perscrutando as raízes: passado, presente e futuro

Logo nos primeiros versos do poema “Canto obscuro às raízes”, o sujeito lírico anuncia sem pretextos a não descoberta da aldeia do primeiro avô. Conceição se espelhou na obra do escritor norte-americano Alex Haley (1921-1992), autor de romance cujo personagem central logrou a busca por resgatar as raízes de seu avô, Kunta Kinte, protagonista de *Negras raízes* (1976), levado da aldeia Juffure para a América, onde foi escravizado. Há, de modo bastante claro, uma relação intertextual entre o romance de Haley e o poema de Conceição Lima, já que, no decorrer de vários versos, o nome de Kunta Kinte e até mesmo o do escritor Alex Haley são mencionados repetidamente para conferir unidade à seleção de contextos do poema.

É relevante apontar que o poema de Lima é marcado inúmeras vezes por palavras no modo subjuntivo, cujas cargas semântica e morfológica expressam incerteza, dúvida, possibilidade e lacunas. Em vista disso, na 3ª e 4ª estrofes, o sujeito lírico especula qual poderia ter sido o nome de seu avô: “O meu primeiro avô / que não se chamava Kunta Kinte / mas, quem sabe, talvez, Abessole” (LIMA, 2012, p.11). Primeiro, podemos notar como o poema propõe certo dialogismo com o romance de Haley; em seguida, o advérbio *talvez*, que aparece em outros momentos no poema, confirma a inferência quanto ao modo subjuntivo. A poeta atribui essas incertezas e hipóteses expressas pelo subjuntivo como resultado da diáspora africana, responsável por exilar determinados grupos africanos de suas terras nativas, conforme se vê na 5ª e 6ª estrofes: “O meu primeiro avô / que não morreu agrilhado em James Island / e não cruzou, em Gorée, a porta do inferno / Ele que partiu de tão perto, de tão perto / Ele que chegou de tão perto, de tão longe” (LIMA, 2012, p.12). Os versos da 11ª estrofe também apontam para a circunstância do apagamento e do distanciamento entre o eu lírico e seu avô: “O meu oral avô / não legou aos filhos / o nativo nome do seu grande rio perdido” (LIMA, 2012, p.12). Nestes versos é possível identificar um duplo apagamento, visto que o “oral avô” se perde do seu rio, isto é, ele é tirado do seu lugar de origem, assim como seus descendentes se perdem das memórias do avô.

Conceição não recorre somente aos indícios historiográficos para engendrar seus poemas; com a falta de arquivos, documentos entre outros recursos mnemônicos, ela agrega suas conjecturas ao imaginário, assim como Aristóteles definiu a fantasia (*φαντασία*), sendo esta também um símbolo de lugar da memória. A imaginação é o lugar (*Locus*) da memória e da invenção que, em si, funcionam como um ordenamento de imagens, tal como uma estrutura sintática, porém na imaginação do artífice a partir da sua elocução. Pela fantasia, o lirismo do poema enuncia uma caminhada por vários lugares através de imagens. O pensamento do sociólogo francês Maurice Halbwachs sobre a memória coletiva mostra-nos como a própria memória individual não deixa de estar articulada a uma memória com outros indivíduos e espaços: “Diremos que não há, com efeito, grupo, nem gênero de atividade coletiva, que não tenha qualquer relação com um lugar, isto é, com uma parte do espaço [...]” (HALBWACHS, 1990, p.144).

Já na 14ª estrofe, a voz poética apresenta-se como uma voz feminina, indicada pelo pronome demonstrativo “a”, responsável por sinalizar certo traço autobiográfico: “e por isso eu sou ‘a’ que agora fala” (LIMA, 2012, p.13). Além de marcar a importância da presença autobiográfica dentro do poema, o verso também tem a finalidade de chamar para si a responsabilidade de se posicionar politicamente, pois o número de escritores homens evidenciados é muito maior do que o de mulheres, sobretudo a respeito de escritoras africanas negras.

Com relação à sua genealogia, o sujeito lírico revela o apagamento dos traços identitários e das particularidades de seus ancestrais. O próprio título do poema simboliza este distanciamento, visto que são cantos vertiginosos, conforme os seguintes versos da 19ª estrofe demonstram: “e na impiedosa lavra de um vindouro tempo / emergia uma ambígua palavra / para devorar o tempo do seu nome” (LIMA, 2012, p.13). A “devoradora palavra” pode ser vista como a violência e imposição do sujeito colonizador, quer dizer, o cidadão ocidental que escravizou, matou e com isso apagou boa parte da identidade, memória, cultura, costumes e diferentes idiossincrasias de incontáveis povos africanos.

Em meio a tantas dúvidas do eu lírico, o poema coloca o leitor em inúmeros lugares e tempos, fazendo-o percorrer por suposições quanto à identidade e à peculiaridade da etnia e aspectos socioculturais dos familiares e antepassados do eu lírico. Esta inferência converge para a identidade na diferença, o que valida a defesa de Spivak a favor da compreensão da estrutura micrológica da tessitura social, penetrando do global ao local, pois o poema não é oriundo de um artista ou intelectual eurocêntrico, e sim engendrado por uma artista vinda de fora da cultura hegemônica. Por isso, mesmo diante das incertezas que o eu lírico encontra para investigar as raízes de seus antepassados, ao mesmo tempo tal dificuldade surge como um *leitmotiv* capaz de evidenciar as redes de desejo e interesse por perscrutar raízes bastante heterogêneas. Percebemos, então, que Conceição Lima enxerga a estética como o caminho mais viável para

quebrar o silêncio dos subalternos, pois somente a arte, assim como Jacques Rancière afirma, é o recorte do visível e do invisível que articula o “*comum*” com a própria diferença:

Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte dessa partilha (RANCIÈRE, 2009, p.15).

Rancière, com sua reflexão, mostra-nos que as microestruturas da sociedade estão sempre se articulando, estando sob constantes mudanças, incorporando e criando novas realidades, manifestações culturais e políticas capazes de legitimar e dar voz a essas comunidades, sem deixar de rebuscar e ressignificar o passado.

A desterritorialização, ou seja, o desenraizamento do sujeito lírico, marcada na 24ª estrofe, propõe certo aspecto melancólico por não saber de onde vêm suas raízes: “Perdi-me na linearidade das fronteiras” (LIMA, 2012, p.14). Essas “fronteiras” podem ser entendidas como a soleira da comercialização de escravos africanos. Notamos que a própria crise de identidade é o fio condutor da unidade poética, pois a crise permite abordar o problema que já vem a ser um dos caminhos para enfrentar os obstáculos da violência histórica que se reflete no período pós-colonial.

Na 32ª estrofe, Libreville<sup>5</sup> é apresentada como palco de sangue, da escravidão e da colonização: “Eu que em cada povo confundi o som da fonte submersa / encontrei em ti, Libreville, o injusto patrimônio a que / chamo casa: / estas paredes de palha e sangue entrançadas / a fractura no quintal, este sol alheio à assimetria do prumos / a fome do pomar intumescida nas gargantas” (LIMA, 2012, p.15). Intumescer significa “inchar”, “dar volume”, ou seja, a fome do pomar significa o inchaço das vozes silenciadas e pressas à garganta, mas que conseguem escapar tendo a poesia de Conceição como ponte.

É interessante notar como a poeta ilustra os espaços (lugares) para se apropriar deles e utilizá-los em sua poesia como artefatos para evidenciar os traumas e consequências do contexto histórico escravagista, de forma que a 34ª estrofe aponta: “Por isso percorri os becos / as artérias do teu corpo / onde não fenecem arquivos / sim palpita um rijo coração, o rosto vivo / uma penosa oração, a insana gesta / que refunda a mão do meu pai / transgride a lição de minha mãe / e narra as cheias e gravanas, os olhos e os medos / as chagas e destertos / a vez e a demora / o riso e os dedos de todos os meus irmão e irmãs” (LIMA, 2012, p.15). Os referidos becos e artérias seriam, no caso, de Libreville. A personificação do espaço é uma prosopopeia tida como metáfora para incorporar a dor e os sofrimentos dos habitantes de Libreville.

5 Capital do Gabão.

Os caminhos e descaminhos do sujeito lírico consistem numa fragmentação da subjetividade dessa voz, da mesma forma que o sujeito poético busca pelas suas matrizes genealógicas. A peregrinação por outras etnias, tradições e culturas pelas quais o eu lírico transita constrói sua unidade temática e evidencia uma memória coletiva e cultural que, igualmente, ocorre na passagem dos Griots: “Os velhos griots que na íris da dor / plantaram a raiz do micondó / partiram / levando nos olhos o horror / e a luz da sua verdade e das suas palavras” (LIMA, 2012, p.14). Por não se ater a um só lugar e a um só tempo, o “Canto obscuro às raízes” almeja investigar e questionar a formação intercultural da diáspora africana, assim como o historiador britânico Paul Gilroy problematiza e argumenta:

Sob a ideia-chave de diáspora, nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem. (GILROY, 1993, p.25)

Com o decorrer da leitura do poema fica cada vez mais visível como Conceição utiliza a própria inacessibilidade do Outro para poder quebrar os silêncios, uma vez que seu lirismo não se resume a investigar um só lugar. Ela não quer encontrar somente suas raízes identitárias, sua poesia se engaja em abraçar a presentificação, os traços e as ambivalências de variadas matrizes africanas, tal como marca a 35ª estrofe: “Que nenhum idioma nos proclame ilhéus de nós próprios / vocábulo que não és / Mbanza Congo / mas podias ser / Que não és / Malabo / poderias ser / Que não és / Luanda / e podias ser / Que não és / Kinshasa / nem Lagos / Monróvia não é, podias ser (LIMA, 2012, p.15-16). Indo de encontro a este raciocínio, Jeanne Marie Gagnebin em seu artigo, “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”, mostra a importância da procura pelos restos e rastros da memória e identidade coletiva:

Ao juntar os rastros/restos que sobram da vida e da história oficiais, poetas, artistas e mesmo historiadores, na visão de Benjamin, não efetuam somente um ritual de protesto. Também cumprem a tarefa silenciosa, anônima, mas imprescindível do narrador autêntico e, mesmo hoje, ainda possível: a tarefa, o trabalho de *Apokatastasis*, esta reunião paciente e completa de todas as almas no Paraíso, mesmo das mais humildes e rejeitadas [...] (GAGNEBIN, 2002, p.133).

Conceição Lima, com sua sensibilidade, apresenta as possíveis condições da constituição e representação do Outro, sem cometer uma violência epistêmica, uma vez que a poeta se apropria do próprio silenciamento, pois até mesmo o silêncio ecoa algo. Sua poesia, porquanto, é uma fuga das propostas e dimensões estabilizadoras. A voz poética, que preambula pelos cantos obscuros do poema de Conceição Lima e que não consegue encontrar as raízes de seu avô, não significa algo negativo, mas, pelo contrário, a intenção da poeta não é fechar uma

identidade ou buscar a essência de uma tradição, Conceição quer mostrar ao leitor que não existe uma identidade concluída e unificada; seu poema confere um tom de ambiguidade, tornando impossível quaisquer rotulações identitárias encerradas em uma só essência, conforme podemos notar nos seguintes versos: “Eu que libertei como carta de alforria / este dúbio canto e sua turva ascendência” (LIMA, 2012, p.18).

O poema analisado, além de efetuar críticas aos imperialistas/escravistas responsáveis por causar o apagamento de outros povos, culturas, costumes e etnias diferentes umas das outras, também denuncia como os colonizadores lucraram com essa violência, conforme se vê na 39ª estrofe: “Medram quarteirões de ouro / nos teus poros – os diurnos, desprevenidos / Medra implacável o semblante das mansões / Medram farpas na iníqua muralha / e um taciturno anel de lama em seu redor” (LIMA, 2012, p.16). Não obstante, a voz poética insinua também uma certa aculturação entre colonizador e colonizado, o que pode ser apontado na 42ª estrofe: “e nascida a 8 de Dezembro / tenho de uma madona cristã o nome”. Nestes versos é possível perceber a herança católica que, mesclada a crenças e religiões africanas locais, gerou um sincretismo religioso.

O poema de Conceição perpassa referências sócio-históricas e, a partir disso, traz à tona certo vigor de resistência, tal como a 49ª estrofe sugere: “Eu que dobrei o Cabo das Tormentas / Eu que presenciei o milagre das rosas / Eu que brinquei a caminho de Viseu / Eu que em Londres, aquém de Tombuctu, / decifrei a epopeia dos fantasmas elementares” (LIMA, 2012, p.18). Estes versos põem em questão os indícios da crise de identidade do sujeito subalterno, denunciando criticamente como determinados traços ocidentais estão atrelados e se articulam à vida e aos costumes dos povos africanos em meio ao contexto da época colonial, algo que acarretou a construção de uma identidade fechada a partir do século XVI.

### A experiência estética e seus efeitos de sentido

Conceição Lima consegue legitimar sua poesia e o seu lugar de fala, escapando do discurso hegemônico para tentar enunciar, por meio de sua voz, as vozes apagadas de seus antecessores, mostrando que o próprio esquecimento também tem vida. Sua obra traz no apagamento o próprio reconhecimento, fornecendo indícios da sua identidade e sua diferença. Ainda que em Libreville não tenha encontrado o caminho para Juffure<sup>6</sup>, sua poesia se torna transformadora e não só descritiva, visto que Conceição vislumbra a arte como um instrumento importante para despertar e articular sentidos na realidade, ao engendrar sua potência poética junto com seu anseio pela mudança.

A literatura provoca um movimento importante de significação crítica na sociedade, o que

6 Povoação da Gâmbia, próxima à margem direita do rio Gâmbia.

gera um choque de sentidos estéticos e políticos. Gumbrech alega que o potencial da literatura pode conceber estímulos de atmosferas que não excluem, mas vão além da hermenêutica. Isto é, a literatura é capaz de criar uma ambiência sensorial, por intermédio da qual o leitor incorpora uma suspensão da realidade “de modo afetivo e corporal” (GUMBRECH, 2014, p.30). A imagem, ou seja, a imaginação, está intimamente ligada à sensação.

A poesia de Conceição Lima emana uma voz que se presentifica e sonda o mundo, nunca deixando de o interpelar. Dessa forma, no último verso do seu poema, ela se define como uma errante: “Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure” (LIMA, 2012, p.19). Se o avô do eu lírico não retornou à nascente do rio Ogoué, cabe ao imaginário dessa voz enveredar-se pelas possíveis reminiscências de seus antepassados a fim de presentificar os povos que sempre lutaram por sua liberdade. Assim, o lirismo da autora transita entre múltiplas raízes, demonstrando que sua identidade não pertence a um lugar fixo.

Não podemos negar que o passado, sendo pretérito, também está em movimento, pois ele será ressignificado sempre que revisitado. Ao lidar com a falta de pertencimento de um lugar para chamar de seu, a poeta perpassa a transitoriedade de seus antepassados, buscando o não esgotamento de suas matrizes. Portanto, o “Canto obscuro às raízes”, assim como a obra completa de Conceição Lima, empreende uma experiência estética que necessita de ser cada vez mais evidenciada, uma vez que recorre ao passado, lançando uma proposição de mundo para o futuro.

#### Referências:

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Trad. Jaime Bruna. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O rastro e a cicatriz: metáforas da memória”. **Pro-Posições**, vol. 13, Nº 3, São Paulo, 2002. Disponível: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643942/11398> Acesso em: 24 jan. 2019.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 1993.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, stimmung**: Sobre um potencial oculto da Literatura. Trad. Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: Estética e política. Trad. 2. ed. Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Das linhas globais a uma ecologia dos saberes”. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP, julho de 2007. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/250047951\\_Para\\_alem\\_do\\_Pensamento\\_Abissal\\_Das\\_linhas\\_globais\\_a\\_uma\\_ecologia\\_de\\_saberes](https://www.researchgate.net/publication/250047951_Para_alem_do_Pensamento_Abissal_Das_linhas_globais_a_uma_ecologia_de_saberes) Acesso em: 17 nov. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

#### Anexo:

##### CANTO OBSCURO ÀS RAÍZES

Em Libreville

não descobri a aldeia do meu primeiro avô.

Não que me tenha faltado, de Alex,  
a visceral decisão.

Alex, obstinado primo

Alex, cidadão da Virgínia

que ao olvido dos arquivos

e à memória dos griots Mandinga

resgatou o caminho para Juffure,

a aldeia de Kunta Kinte -

seu último avô africano

primeiro na América.

Digamos que o meu primeiro avô

meu último continental avô

que da margem do Ogoué foi trazido

e à margem do Ogoué não tornou decerto

O meu primeiro avô

que não se chamava Kunta Kinte

mas, quem sabe, talvez, Abessole  
O meu primeiro avô  
que não morreu agrilhado em James Island  
e não cruzou, em Gorée, a porta do inferno  
Ele que partiu de tão perto, de tão perto  
Ele que chegou de tão perto, de tão longe  
Ele que não fecundou a solidão  
nas margens do Potomac  
Ele que não odiou a brancura dos algodoads  
Ele que foi sorvido em chávenas de porcelana  
Ele que foi comprimido em doces barras castanhas  
Ele que foi embrulhado em chiques papéis de prata  
Ele que foi embalado em caixinhas  
O meu concreto avô  
que não se chamava Kunta Kinte  
mas talvez, quem sabe, Abessole  
O meu oral avô  
não legou aos filhos  
dos filhos dos seus filhos  
o nativo nome do seu grande rio perdido.  
Na curva onde aportou  
a sua condição de enxada  
no húmus em que atolou  
a sua acossada essência  
no abismo que saturou  
de verde a sua memória  
as águas melancolizam como fios  
desabitadas por pirogas e hipopótamos.

São assim os rios das minhas ilhas  
e por isso eu sou a que agora fala.  
Brotam como atalhos os rios  
da minha fala  
e meu trazido primeiro avô  
(decerto não foi Kunta Kinte,  
porventura seria Abessole)  
não pode ter inventado no Água Grande  
o largo leito do seu Ogoué.  
Disperso num azul sem oásis  
talvez tenha chorado meu primeiro avô  
um livre, longo, inútil choro.  
Terá confundido com um crocodilo  
a sombra de um tubarão.  
Terá triturado sem ilusão  
a doçura de um naco de mandioca.  
Circunvagou nas asas de um falcão.  
Terá invejado a liquidez de caudas e barbatanas  
enquanto o limo dos musgos sequestrava os seus pés  
e na impiedosa lavra de um vindoura tempo  
emergia uma ambígua palavra  
para devorar o tempo do seu nome.  
Aqui terá testemunhado  
o esplendor do pôr do sol, o luar, o arco-íris.  
Decerto terá pressentido a calidez dos pingos  
nas folhas das bananeiras.  
E terá sofrido no Equador o frio da Gronelândia.

Mas não legou aos estrangeiros filhos  
e aos filhos dos filhos dos estrangeiros filhos  
o nativo nome do seu grande rio perdido.

Por isso eu, a que agora fala,  
não encontrei em Libreville o caminho para a aldeia de Juffure.

Perdi-me na linearidade das fronteiras.

E os velhos griots  
os velhos griots que detinham os segredos  
de ontem e de antes de ontem

Os velhos griots que pelas chuvas contavam  
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos griots que pelas chuvas contavam  
a marcha do tempo e os feitos da tribo

Os velhos griots que dos acertos e erros  
forjavam o ténue balanço

Os velhos griots que da ignóbil saga  
guardavam um recto registo

Os velhos griots que na íris da dor  
plantavam a raiz do micondó  
partiram  
levando nos olhos o horror  
e a luz da sua verdade e das suas palavras.

Por isso eu que não descobri o caminho para Juffure  
eu que não dançarei sobre o pó da aldeia do meu primeiro avô

meu último continental avô  
que não se chamava Kunta Kinte mas talvez, quem sabe, Abessole

Eu que em cada porto confundi o som da fonte submersa  
encontrei em ti, Libreville, o injusto património que chamo casa:

estas paredes de palha e sangue entrançadas,  
a fractura no quintal, este sol alheio à assimetria dos prumos,  
a fome do pomar intumescida nas gargantas.

Por isso percorri os becos  
as artérias do teu corpo  
onde não fenecem arquivos  
sim palpita um rijo coração, o rosto vivo  
uma penosa oração, a insana gesta  
que refunda a mão do meu pai  
transgride a lição de minha mãe  
e narra as cheias e gravanas, os olhos e os medos  
as chagas e desteros, a vez e a demora  
o riso e os dedos de todos os meus irmãos e irmãs.

Que nenhum idioma nos proclame ilhéus de nós próprios  
vocábulo que não és

Mbanza Congo  
mas podias ser

Que não és  
Malabo  
poderias ser

Que não és  
Luanda

e podias ser

Que não és  
Kinshasa

nem Lagos

Monróvia não és, podias ser.

Nascente e veia, profundo ventre  
conheces a estrutura que sabota os ponteiros:  
novos sobas, barcos novos, o conluio antigo.

E consumes a magreza dos celeiros  
num bazar de retalhos e tumultos

Petit Paris!

Onde tudo se vende, se anuncia  
onde as vidas baratas desistiram de morrer.

Medram quarteirões de ouro  
nos teus poros - diurnos, desprevenidos.  
Medra implacável o semblante das mansões  
Medram farpas na iníqua muralha  
e um taciturno anel de lama em seu redor.

A chuva tema agora a cadência de um tambor  
outro silêncio se ergue  
no vazio dos salões das *coiffeuses*.

E no rasto do tam-tam revelarei  
o medo adolescente encolhido nas vielas  
beberei a sede da planta no teu grão.

Eu que trago deus por incisão em minha testa  
e nascida a 8 de Dezembro  
tenho de uma madona cristã o nome.

A neta de Manuel da Madre de Deus dos Santos Lima  
que enjeitou santos e madre  
ficou Manuel de Deus Lima, sumu sun Malé Lima  
Ele que desafiou os regentes intuindo nação -  
descendente de Abessole, senhor de abessoles.

Eu que encrespei os cabelos de san Plentá, minha três vezes avó  
e enegreci a pele de san Nôvi, a soberana mãe do meu pai

Eu que no espelho tropeço  
na frente dos meus avós...

Eu e o temor do batuque da puíta  
o terror e fascínio do cuspidor de fogo

Eu e os dentes do pão que da costa viria me engolir  
Eu que tão tarde descobri em minha boca os caninos do antropófago...

Eu que tanto sabia mas tanto sabia  
de Afonso V o chamado Africano  
Eu que drapejei no promontório do Sangue

Eu que emergi no pacote Império

Eu que dobrei o Cabo das Tormentas

Eu que presenciei o milagre das rosas

Eu que brinquei a caminho de Viseu

Eu que em Londres, aquém de Tombuctu  
decifrei a epopeias dos fantasmas elementares.

Eu e minha tábua de conjugações lentas  
Este avaro, inconstruído agora  
eu e a constante inconclusão do meu porvir

Eu, a que em mim agora fala.

Eu, Katona, ex-nativa de Angola

Eu, Kalua, nunca mais em Quelimane

Eu, nha Xica, que fugi à grande fome

Eu que libertei como carta de alforria  
este dúbio canto e sua turva ascendência.

Eu nesta lisa, escarificada face  
Eu e nossa vesga, estratificada base  
Eu e a confusa transparência deste traço.

Eu que degluti a voz do meu primeiro avô  
que não se chamava Kunta Kinte  
mas talvez, quem sabe, Abessole

Meu sombrio e terno avô  
Meu inexorável primeiro avô  
que das margens do Benin foi trazido  
e às margens do Benin não tornou decerto

Na margem do Calabar foi colhido  
e às águas do Calabar não voltou decerto

Nas margens do Congo foi caçado  
e às margens do Congo não tornou decerto

Da nascente do Ogoué chegou um dia  
e à foz do Ogoué não voltou jamais.

Eu que em Libreville não descobri a aldeia  
do meu primeiro avô  
meu eterno continental avô

Eu, a peregrina que não encontrou o caminho para Juffure  
Eu, a nómada que regressará sempre a Juffure.

( LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. Lisboa: Caminho, 2006.  
pp.11-19)